

A educação física e a era farmacopornográfica: resenha da obra *Testo Junkie*



Liciane Vanessa de Oliveira Mello Corrêa

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil
liciane.vomc@gmail.com



Giuliano Gomes de Assis Pimentel

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil
ggapimentel@uem.br

Submetido em: 18-02-2019

Aceito em: 26-10-2019

PRECIADO, P. B. TESTO JUNKIE: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Ser mulher no campo esportivo resulta em barreiras e desvantagens justificadas pela dimensão biológica. No plano sociocultural, a exemplo das aulas de educação física, se constrói um sentimento de “inferioridade motora” entre as meninas em amálgama a “construção cultural do corpo feminino” (DAOLIO, 1995).

Essa problemática, ainda atual, se complexifica com a participação de pessoas transgêneras no esporte. Aposta-se na equiparação biológica, com possíveis vantagens sociais. Incidem sobre tal debate a heteronormatividade e as práticas de reforço, conscientes ou não, dos estereótipos e desigualdades hierarquizadas de gênero existentes na sociedade. Nessa querela, a transição de corpos femininos para masculinos se revela a lacuna mais silenciada.

Diante dessa demanda, nos dedicamos à obra *Testo Junkie*, de Paul B. Preciado. O autor é reconhecido como referência nas questões contemporâneas que envolvem a teoria *Queer* – teorização acerca da resistência à categorização de gênero – e em assuntos que permeiam a pornografia, o feminismo, a subjetivação e suas relações com o capitalismo. Preciado nasceu Beatriz em 1970, em Burgos, na Espanha. Possui Mestrado em Filosofia Contemporânea e Teoria de Gênero pela New School for Social Research, de Nova York, e Doutorado em Filosofia e Teoria da Arquitetura pela Universidade de Princeton, EUA.

Testo Junkie foi publicado pela primeira vez em espanhol no ano de 2008.¹ Trata-se de um “ensaio corporal”, como referido pelo próprio autor, “um protocolo de intoxicação voluntária à base de testosterona” (PRECIADO, 2018, p. 13). Dividido em 13 capítulos, com diversos subtópicos alocados sem uma continuidade rígida, o ensaio ora explica conceitos e apresenta dados históricos, ora descreve as ações e sensações de seu autor, similar a um diário. Esse estilo de escrita fornece ao texto ensaístico um aspecto – se- dutor – de texto literário.²

Para a escrita desta resenha, não capturamos cada capítulo em específico, conquanto, metodologicamente, abordamos as principais temáticas de forma articulada, com intuito de transmitir o cerne de cada uma delas.

O primeiro destaque é o *Testogel*, centro do experimento. Essa pomada à base de testosterona foi aplicada durante 236 dias. O autor transcreve suas sensações sobre força, impetuosidade, energia, libido, clareza e lucidez proporcionadas pelo hormônio. Preciado destaca a escrita misógina e homofóbica da bula, trazendo reflexões à negação do “ser mulher”. Apresentando o seu desejo de não adequação à categorização determinada pelo Estado, o autor justifica o autoexperimento como uma reprogramação do

1 A edição original foi objeto de análise por Lessa (2011), a qual priorizou os aspectos históricos e identificou a quebra das demarcações de gênero e os poderes da indústria farmacocômica. Já a presente resenha, sobre a tradução brasileira, sublinha inquietações aos profissionais da Educação Física com o intuito de refletir acerca de suas práticas frente à subjetivação e produção do corpo feminino nos diversos contextos sociais atrelados à sua atuação.

2 Preciado apresenta uma escrita literária pré-moderna, ocupando uma posição crítica em relação à sociedade, transpassando a linguagem formal ao mesmo tempo em que aborda aspectos históricos, políticos e econômicos.

seu sistema endócrino enquanto estratégia para viabilizar uma “nova plataforma afetiva que não é masculina nem feminina” (PRECIADO, 2018, p. 153).

Ao ponderar acerca da *Era Farmacopornográfica* e do *Regime Farmacopornográfico*, o contexto histórico é apresentado revelando a mudança econômica e social do “pós-fordismo”, a evolução das biotecnologias, a conceituação de gênero, a criação dos anticoncepcionais (pílulas) e, posteriormente, de medicamentos contra a disfunção erétil (Viagra). Já a administração desenfreada de progesterona e estrogênio serviria como instrumento de produção e governo, mediante a normatização do Estado sobre o corpo feminino.

Sexo e Sexualidade são vistos como as novas armas de governo. Assim, o *tecnobiopoder* atua por meio de aparatos, tais como os silicões, neurotransmissores e hormônios, visando à adequação aos padrões de beleza e à alteração das percepções e comportamentos. A *tecnologia política geral transformada em arquiteturas disciplinadoras* ressalta o crescente de instituições (clínicas ginecológicas, hospitais e laboratórios) que produzem corpos. Assim, a noção de *Farmacopoder* traça um paralelo com o período de “caça às bruxas”, colonização e extermínio de populações, saberes e práticas. Consolida-se o conhecimento do especialista, a produção científica e o capitalismo nascente.

O *Biocapitalismo Farmacopornográfico*, outra categoria do livro, possibilita corpos modelos por meio do consumo crescente das cirurgias plásticas, do uso de esteroides e órgãos sintéticos, fluídos, células, psicotrópicos (legais ou não) e dos meios digitais de informação, visando a um decalque global que funciona a partir da subjetividade, produzindo mente, corpo, desejos e afetos.

Já o termo *Pornopoder* anuncia a pornografia como reforço ao corpo do espectador, por meio da exposição pública daquilo que se entende por privado. A ótica de espetáculo/performance aproxima o entendimento de pornografia e de sexo às manifestações populares de circo e show de horrores de outrora e, atualmente, ao esporte.

A construção do Artemis (gigante prostíbulo alemão) para o atendimento dos turistas durante a Copa de 2006 é problematizada quanto à *mais-valia farmacopornográfica* dos corpos *racializados e pauperizados*, seja dos jogadores ou das prostitutas. O modo de produção capitalista do corpo, a *Farmacopolítica*, está percebido nas práticas de fisioculturistas, no *doping* de atletas de elite, como o caso mundialmente conhecido de Armstrong, no câncer nas atletas russas causado pela testosterona administrada em altas dosagens e na comercialização desta (e de outras drogas) no mercado paralelo.

Contrapondo a sua dependência pela testosterona e os aspectos subjetivos que permeiam o seu uso enquanto corpo-político, o autor discorre sobre a necessidade estipulada pelo Estado de enquadramento: ou doença psicológica ou vício. Por que não pensar que existe uma “multiplicidade de configurações genéticas, hormonais, cromossômicas, genitais, sexuais e sensuais?” (PRECIADO, 2018, p. 279).

Com base nessas problematizações, Preciado ostenta as oficinas *Drag King* como espaço de transformação física e comportamental, onde mulheres experimentam incorporar características masculinas como pelos faciais, corte de cabelo, vestimentas e acessórios, e também adequações na postura e comportamento, a fim de possibilitar a vivência da sociedade de um ponto de vista de corpo/gênero cultural e politicamente normatizado. Assim, essas oficinas são esfera potencial de “reprogramação (despsicologização) de gênero e produção de novas subjetividades” (PRECIADO, 2018, p. 396).

Ao findar o experimento, o autor relata as alterações percebidas principalmente frente à potência e ao controle muscular e à excitação sexual, mas também contextualiza os efeitos adversos como o aumento da oleosidade da pele e suor acentuado. Citando a naturalização e falta de reflexão na administração de pílulas, Viagra, Prozac, Cortisona, Cocaína, Álcool entre outras drogas, a obra nos provoca diretamente: “preciso agora convencer vocês,

todos vocês, de que vocês são como eu [...] Tentados pela mesma deriva química” (PRECIADO, 2018, p. 415).

O convite é para que ultrapassemos os limites da heterossexualidade e homossexualidade, a fim de contrariar a subjetividade da identidade de gênero, suas diferenças e discrepâncias sociais, que embora pareçam fixas, possuem possibilidades tecnofarmacológicas de alteração, capazes de promover novas perspectivas biopolíticas. Sugere ainda que só seremos capazes de entender o quanto o “ser homem” é sinônimo de potencial social (e a mulher não) quando todas as mulheres deixarem a atual forma categórica feminina, se tornando lésbicas ou administrando a testosterona para experimentar o masculino. Provoca, pois, afirmando que a “tecnobiologia” age como libertação da biologia da mulher como destino de sua submissão social.

Imbuídos destas inquietações, são resgatados os questionamentos que remontam ao entendimento de como se dão as relações com o movimento, o corpo, a cultura corporal de movimento e, em termos gerais, o lugar das meninas/mulheres nos espaços de atuação da Educação Física. O objetivo não é, necessariamente, pensar na transformação do corpo, mas sim na transformação de nossas práticas enquanto profissionais do corpo e/em movimento.

Salientamos então a diferenciação entre meninos e meninas como constructos culturais, e não biologicamente irreversíveis (DAOLIO, 1995, p. 101), ao mesmo tempo em que nos conscientizamos da importância da Educação Física enquanto dispositivo de educação desses novos corpos e, portanto, dessas novas demandas sociais.

É uma obra excepcionalmente original promovendo contribuições legítimas aos interessados nas questões atuais de gênero e sexualidade, e o olhar sobre as questões de gestão, controle e subjetividade dos corpos e suas práticas sociais, culturais e políticas. A leitura está direcionada, através de uma gama de possibilidades, às ciências da saúde e humanidades, onde destacamos, além da proposta aqui apresentada, o diálogo com as questões de ética e

estética corporal, bem como os estudos do Pornolazer, voltados à performance dos corpos e às relações de poder de um corpo feminino belo, sedutor, testosteronado e empoderado.

Referências

DAOLIO, J. A construção cultural do corpo feminino, ou o risco de transformar meninas em “antas”. *In*: ROMERO, E. (org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1995. p. 99-108.

LESSA, P. Mulheres testosteronadas: adictas, malditas, transgressoras, bombásticas? **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 283-300, jan./abril. 2011.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.